

O PADRE MIRANDA

Os feitos d'este illustre padre (cujos traços phisionomicos justificam cabalmente a theoria de Darwin) são tantos e tão grandes que a lama d'elles já chegou a Lisboa e tiveram as honras de ser referidos pelos nossos collegas *Os Rídiculos e A Folha do Povo*.

Este ultimo disse que o padre tinha emburrado que se dessem esmolas para os santos, pois não é só isso, porque chega mesmo a emburrar até com as cruzes.

Parece extraordinario! mas é a verdade.

Ainda ha bem pouco tempo que elle não consentiu que n'um enterro fossem as cruzes das irmandades de Santissimo e Almas, que o encarregado do enterro desejava que fossem.

Elle o que não quer é que se dê dinheiro a mais ninguém senão a elle, porque a sua verdadeira religião, como por vezes tem demonstrado com o seu procedimento, é o dinheiro.

O dinheiro, o dinheiro e sempre o dinheiro!

Os priores têm, nas festas, o direito de optar pelo sermão da festa, mas o padre Miranda não deve ignorar que por esse sermão não tem direito a exigir esmola alguma, pois não obstante isso elle não prescinde nunca de prégar o sermão e vae exigindo, individualmente, o pagamento.

O metal sempre o vil metal acima de tudo! O metal agora não tanto, mas pelo menos as suas notas representativas do vil metal.

Algumas pessoas têm estranhado que nas missas que na igreja de S. Sebastião se têm dito á Senhora da Piedade, se acendam apenas dois côtos, quando varias pessoas têm offerecido, e por diferentes vezes, velas.

Sobre assumpto de cera para a igreja quem poderá dar bons esclarecimentos são os membros da antiga junta de parochia, que, estranhando uma vez que se gastasse tanto dinheiro em cera, resolveram que esse assumpto fosse tratado directamente pelos membros da junta, sem a boa intervenção d'outra pessoa, e n'esse anno a verba gasta foi metade da do anno anterior.

Como esse milagre se fez é que nós não sabemos e por isso dizemos a todos que desejarem esclarecimentos a esse respeito que recorram aos membros da antiga junta de parochia que serão por elles completamente illucidados.

Encontra-se em Faro, onde deu o primeiro espectáculo no theatro 1.º de Dezembro, o actor imitador Vargas.

O sr. Ferreira d'Almeida, como não conseguiu ir para Italia, assistir ao fabrico do cruzador *Adamastor*, da subscrição nacional, vae como commandante de bandeira no *Ambaca*, que conduzirá á India a nova expedição.

Leva como ajudante o 1.º tenente sr. Francisco Annibal Oliver, que por algum tempo exerceu interinamente o lugar de chefe do departamento maritimo do sul.

Acha-se bastante incommodada a ex.^{ma} sr.^a D. Emilia Rita dos Prazeres Pinto, irmã do nosso amigo sr. Joaquim Claudio Raphael Pinto, habil e intelligente escrivão da camara. Fazemos votos pelas melhoras da bondosa senhora.

Até á 1 hora da tarde, do dia 9 de maio, está aberto concurso perante a direcção dos caminhos de ferro do sul e sueste para o fornecimento de oleos mineraes, claro e escuro, para a lubrificação de cylindros das machinas dos mesmos caminhos de ferro.

As condições estão patentes na secretaria da direcção, no L. de S. Roque, 22, Lisboa.

O comboio correio de Lisboa de quinta-feira soffreu atraso em consequencia de ter caído uma barreira entre as estações de São Marcos e Saboia.

A deligencia, que conduz da estação para esta villa o correio, chegou aqui depois do meio dia quando deveria chegar ás seis horas da manhã.

Leon Say

Falleceu em Pariz este distincto economista, contando 70 annos de idade.

Era muito considerado e respeitado em França, onde por duas vezes desempenhou o cargo de ministro da fazenda; foi tambem presidente do senado e embaixador francez em Londres.

Deixou varias obras sobre economia politica.

A resolução tomada pelo governo de mandar retirar de Leorne o capitão de mar e guerra sr. Teixeira Guimarães, que ali estava como representante da grande subscrição nacional, assistindo ao fabrico do cruzador *Adamastor*, causou em toda a gente desagradavel impressão, porque isso pode acarretar alguns embaraços e prejuizos para a patriótica commissão.

Até agora o governo ainda não resolveu esta difficuldade, e entre a commissão da subscrição nacional e o ministro da marinha têm-se trocado officios a tal respeito.

O extraordinario procedimento do governo continua sendo asperamente commentado e, a proposito d'isto, encontramos no *Seculo* a seguinte noticia que, a dar-se, constitue um caso grave:

«Requeru a passagem para a inactividade, por tempo illimitado, o sr. capitão de mar e guerra Guimarães.

As consequencias d'este acto para o brioso official são o perder todos os seus vencimentos, o direito á promoção, o tempo de serviço, e ser preterido pelos officiaes mais modernos do seu posto, na promoção a contra-almirante. Este requerimento causou impressão nas estações superiores, e foi logo assumpto de variados commentarios.

Atribuia-se geralmente tal pedido ás responsabilidades por s. ex.^a contrahidas na modificação dos planos primitivos do *Adamastor*, e dos quaes deseja sair-se dignamente, correspondendo á confiança n'elle depositada pela commissão patriótica da subscrição nacional.

Como é bem sabido e não pode soffrer a menor contestação, o governo, sem consultar a commissão, e ignorando até que existia um contracto, demittiu aquelle official da missão que exercia em Leorne, mandando-o immediatamente recolher a Lisboa. De um excelente navio que pertencerá ao Estado, e cuja adeantada construção desde o seu começo foi sempre cuidadosamente vigiada pelo distincto tecnico, manda o governo retirar, sem a menor satisfação, para o reter em Lisboa, como aggregado a uma já numerosa commissão de distinctos officiaes, a fim de discutirem a compra de navios para os quaes, é bem publico e notorio, ainda não existe dinheiro, nem planos!»

E' assim que este governo procede nas questões mais sérias e mais importantes, como esta em que se trata d'uma obra patriótica, a que o mesmo governo está levantando difficuldades.

Foi transferido do Funchal para Faro o aspirante auxiliar da repartição telegrapho-postal sr. José Gonçalves Bandeira.

Está designado o proximo mez de julho para a inauguração official do porto de Malaga.

Já regressou a Lisboa o sr. José Bento Ferreira d'Almeida.

Este deputado tratou na camara de chamar a attenção do sr. ministro das obras publicas para a crise agricola d'esta provincia, pedindo ao mesmo tempo providencias que possam debellar este mal e evitar que se deem consequencias assustadoras.

O sr. ministro das obras publicas respondeu áquelle deputado que o governo empregaria os esforços tendentes a remediar os effeitos da crise.

Recebemos os n.ºs 11 e 12, do Boletim da Camara do Commercio e Industria de Lisboa, relativos aos mezes de novembro e dezembro do anno passado.

Foram promovidos ao posto immediato e collocados no regimento de caçadores 4 os seguintes officiaes: a tenente o alferes de infantaria 1 sr. E. A. de Carvalho Baldim; a alferes o aspirante de infantaria 17, sr. José Alexandre Martins Mourão.

Licença:—Ao nosso presado amigo, sr. dr. Antonio Guerreiro Faleiro, meritissimo juiz de dirieto em Beja, foi concedida auctorisacão para gosar 22 dias de licença anterior.

Foi nomeado encarregado da fazenda da escola alumnos marinheiros do sul, em Faro, o commissario de 2.ª classe sr. Nuno Leopoldo Cardeira.

O aspirante auxiliar, com exercicio na estação telegrapho-postal d'Evora, sr. João Pedro Augusto Soares foi transferido para Villa Real de St.º Antonio.

O sr. ministro das obras publicas ordenou que se contiguassem os estudos do ramal do caminho de ferro do sul e sueste de Tunes a Portimão e Lagos.

O rendimento dos caminhos de ferro do sul e sueste até 18 de março foi superior em 30 contos de réis ao de igual periodo de 1895.

O sr. José Alexandre Junior, aspirante da alfandega de Lisboa, em serviço na delegação de Faro, teve trinta dias de licença sem vencimento.

Foi transferido para o regimento de caçadores 4 o major do estado maior de infantaria sr. M. de Souza Machado.

Esteve n'esta villa durante a semana finda o nosso amigo sr. João Antonio Silvestre, digno representante da casa J. Bastos da Silva Baptista, de Lisboa.

Na quinta-feira celebron-se na igreja de S. Pedro, em Faro, uma missa de *Requiem e Libera-me*, que a irmandade do Senhor dos Passos, erecta na mesma igreja, mandou dizer suffragando a alma do sr. Miguel Mendes Bello, pae do sr. arcebispo-bispo d'esta diocese, D. Antonio Mendes Bello.

Suspendeu temporariamente a sua publicação o nosso collega *O Dão*, de Santa Comba Dão.

Nascimento:—A esposa do nosso amigo sr. Francisco Xavier Leal, da freguezia d'Almancil, deu á luz uma creança do sexo feminino.

Ao nosso amigo e sua esposa enviamos os parabens pelo feliz successo.

Acha-se doente o filhinho mais velho do nosso amigo sr. Sebastião Corpas, acreditado negociante d'esta villa.

Desejamos que a creança se restabeleça em breve para tranquillidade de seus paes.

As camaras municipaes de Olhão e Tavira representaram ao governo, pedindo a construção dos ramaes da linha ferrea do sul, que concluem a rede ferro-viaria d'este districto.

Não só isso representaria um grande melhoramento para a provincia, como tambem n'esta occasião isso contribuiria muito para atenuar a crise do trabalho.

Naufragio—sete mortes

Na quinta-feira, ao entrar a barra commum de Faro e Olhão, o galeão de pesca, portuguez, *Norte-Sul*, pertencente a José Gaibes, da Fuzeta, foi virado por um violento golpe de mar.

O barco salva-vidas foi em soccorro dos naufragos, conseguindo ainda salvar oito homens, dos 15 que tripulavam o galeão, perecendo os sete restantes.

Appareceram já dois cadaveres.

O barco deu á costa, trazendo dentro e envolvido na rede de pesca, o cadaver do mestre.

No sinistro morreram quatro membros de uma familia: pae, dois filhos e genro.

Este triste acontecimento causou grande consternação.

Por acharmos realmente engraçado e interessante, transcrevemos, com a devida venia, da *Familia Portuguesa*, que por sua vez transcreveu do *Sorvele*, o seguinte:

Verbo pôr

- A gallinha..... põe
- O homem..... propõe
- O vaidoso..... antepõe
- O operario..... compõe
- O teimoso..... contrapõe
- A testemunha..... depõe
- O chimico..... decompõe
- O industrial..... expõe
- O estado..... impõe
- O intriguista..... indispõe
- O intrometido..... interpõe
- O ajuizado..... repõe
- O orgulhoso..... sobrepõe
- O calumniador..... suppõe
- O ladrão..... transpõe
- O viajante..... ultrapõe
- O advogado..... oppõe
- O maldizente..... descompõe
- O presidente do conselho..... recompõe
- O cauteloso..... predisõe
- E... Deus..... dispõe

Fallecimento:—O sr. Miguel Joaquim da Silva e seus irmãos acabam de soffrer o duro go'pe da perda de sua mãe que era estremosissima por elles.

Na quinta-feira, pouco depois do meio dia, saiu o prestito funebre da igreja de S. Sebastião para o cemiterio publico d'esta villa; ás fitas do caixão pegaram os sr. Bartholomeu Rodrigues, Fernando Alvares Romero, Francisco Domingues Barbosa e Domingos Gomes Morgado, seguindo atraz do feretro a philarmonica *Artistas de Minerva* que executou uma sentida marcha funebre.

Na quinta-feira á noite chegou de Borba o nosso amigo sr. Diogo Joaquim da Silva, unico irmão e muito querido da fallecida.

Passou-se entre sobrinhos e tio uma scena lacinante que cortava o coração e fazia brotar dos olhos dos assistentes muitas lagrimas.

Sabemos que é enorme a dôr que opprime o irmão e filhos da infeliz senhora, a quem a morte arrebatou aos carinhos da familia, deixando esta n'um estado desolador.

Acompanhamo-los n'esse doloroso transe e enviamos os nossos sentidos pesames por tão funesto acontecimento.

Na segunda feira de tarde saiu da igreja de S. Sebastião d'esta villa uma procissão de penitencia para implorar do Altissimo a graça de algumas chuvas para os campos, cujas sementeiras eram consideradas quasi perdidas.

Abria com a irmandade da misericordia, seguindo-se-lhe as do Santissimo e Almas das duas freguezias, a de Nossa Senhora da Conceição, a do Senhor dos Passos, e a da Ordem Terceira de S. Francisco, conduzindo as imagens de St.º Elias, Nossa Senhora da Piedade e Senhor dos Afflictos.

Nunca vimos procissão tão concorrida; é calculado em mais de 8:000 o numero de pessoas que se incorporaram e acompanharam a referida procissão.

Desde que saiu até que recolheu conservaram-se cerrados os estabelecimentos.

Na quarta-feira á noite começou a cair alguma chuva, que se prolongou pela noite adiante e parte do dia immediato, vindo assim animar os agricultores que estavam verdadeiramente receiosos de ver perder as sementeiras, pela longa estiagem que tem feito.

Felimente a agua veio em bategas regulares e não em grandes torrentes, o que occasionaria ainda maiores prejuizos, porque corriam risco de ser arrastadas pela corrente as sementeiras, que tão necessitadas estavam de chuva.

Os agricultores, que já estavam vendo deante de si um terrivel anno agricola, um anno de enormes prejuizos, que para muitos acarretaria a fome, exultavam d'alegria ao sentir bater a agua sobre as pedras das ruas, ou sobre os telhados de suas casas.

Estas chuvas beneficiaram immensamente os campos, vindo salvar muitas cultivações em risco imminente de perda total.

Foram chuvas abençoadas por todos e que a todos alegraram.

O sr. José da Encarnação Vieira, escrivão do suprimido concelho de Aljezur obteve 30 dias de licença.

Passaram assim muitos minutos que pareciam seculos, depois uma hora, duas, tres... e o noivo não apparecia.

A ansiedade era immensa, e mil conjecturas corriam de bocca em bocca, cada qual mais extravagante e absurda. Varias pessoas sahiam em procura de João, e voltavam sem o encontrar em parte alguma!...

Quando já desesperavam de saber o seu paradeiro, eis que entra Pedro, e sem rodeios e como se fosse a coisa mais natural d'este mundo, disse, olhando para Silvia:

—Não esperem o João, partiu com os comicos.

E como via que todos, indignados, se acercavam d'elle, como duvidando das suas palavras, concluiu, accrescentando:

—Eu mesmo o vi no trem de Julieta.

Silvia não enlouqueceu, não se suicidou, nem mesmo se encerrou em um quarto escuro. Passados os primeiros dias de desgosto e de vergonha, foi-se resignando pouco a pouco, e quatro mezes depois estava casada com Pedro, com quem, na verdade, sempre sympathisára, e a quem nunca se reconhecera predilecção por alguma d'essa *Julistas*, que são a desesperação das raparigas casadoiras.

M. DIAS GRILLO.

Kalendario da semana



ABRIL 30 DIAS

- 26, Domingo—O patrocínio de S. José.
 - 27, Segunda—A Lua cheia. 1 h. e 11 m. da T. S. Tertuliano, B.
 - 28, Terça—S. Vital, M.
 - 29, Quarta—S. Antonia, V. M.
 - 30, Quinta—S. Catharina de Sena, V. M.
- MAIO 31 DIAS
- 1, Sexta—S. Filipe e S. Thiago, Aps.
 - 2, Sabbado—S. Mafalda V.

LYRAS

Tu sabes o que era o mar antes de andar agitado?... Era um lago subjogado da morbidez d'um olhar, que o trazia apaixonado.

Porém um dia o luar que era a luz d'aquelle olhar, não veio, como o costume, apagar todo o ciume, que andava dentro do mar.

E esse abysmo, que não sondas, foi então que embraveceu e levantou para o ceu as imprecações das ondas, quando o luar se esconden.

Hoje essa massa inquieta batida pelas saudades, vendo que a lua indiscreta tomou novas amizades, vingá-se nas tempestades.

E nós, ouvindo-as passar, cremos que o mar é um malvado; e no entanto o pobre mar não me parece culpado; o culpado é aquelle olhar.

Assim, vendo essa tristeza, que paira por sobre as aguas, eu imagino, princeza, que me endoidece com maguas um olhar que me despresa...

Por isso na grande lida do meu caminho de abrolhos te peço, em voz dolorida, que antes me tires a vida do que me escondas teus olhos!...

ANTONIO FOGAÇA.

O *Amphion* no n.º 7 traz em photo-gravura os retratos dos concertistas srs, Rey Colção, Victor Hussia, Alfredo Gazul e Cunha e Silva, quatro artistas que pela sua constancia têm sabido introduzir o gosto pela musica classica.

Estes artistas vão iniciar alguns concertos, sendo o primeiro no dia 27 do corrente e os outros nos dias 11, 18 e 25 de maio.

Eis o sumario:

Chronica quinzenal—Alfonso Vargas; Bellas artes, exposição do Gremio Artistico—Julius; Brasil, Carta de Pernambuco; Colyseu dos Recreios—F. R.; noticiario do paiz e do estrangeiro; Correspondencia do Porto—F.; Folhetim, Galeria de artistas bahianos—J. Barreto Aviz; Boletim lyrico; curiosidades—Zetto; Novidades musicas.

Agradecimento

O signatario d'este agradecimento, tendo saído da cadeia, onde se conservou por espaço de 60 dias, por sentença proferida em processo de policia correccional, a que respondeu e em que não quebrou em nada a sua dignidade, (sentimento que tambem se alberga no peito dos pobres) por isso que o seu crime foi apenas ameaçar um individuo que o offendeu, vem por este meio agradecer a muitas familias dignas e nobres, d'esta villa, que durante a sua prisão o socorreram com a sua caridade.

Não menciona os nomes dos seus benefeitores para não lhes offender a sua reconhecida modestia; mas não se pode esquivar a protestar o seu eterno reconhecimento a tão nobres corações e offerecer-lhes ao mesmo tempo os serviços que estejam ao alcance d'elle, pobre trabalhador, mas leal, sincero e humilde servo.

Loulé, 25 d'abril de 1896.

João Antonio Degradado.

O JUIZ DE BARRELLAS

— Homem conte-me lá isso... Palavra de honra que não sabia!...

— O quê! Você nunca ouviu fallar no celebre juiz de Barrellas?

— Nem tão pouco ouvi fallar d'essa terra.

— Barrellas, seu Tavres, é uma povoação muito pequena e muito pobre da Beira Alta, onde outr'ora, no tempo do calção e rabicho e do rei nosso senhor, houve um juiz que se tornou celebre pela rectidão de seus juizos e extravagancia de suas sentenças... Sob a forma de *calçada*, como hoje lhe chamamos ou de *bernardice*, como então lhe chamavam, o juiz de Barrellas dava sentenças que punham a cabeça dos entendidos a arder, primeiro que atinassem com o que o bom do homem sentenciava... Ora, esta coisa da suspensão da pena corporal, não é invenção moderna nem conquista da civilisação e do progresso, como para ahí se diz e você repete... E' mas é uma imitação da sabia sentença do juiz de Barrellas...

— Resta provar, sen Gregorio, resta provar.

— Ainda na tradição oral dos povos da Beira Alta esta sentença, hoje notavel mais que nunca, porque se antecipou um seculo ou talvez mais á humanitaria disposição, consignada com tanto jubilo no actual codigo da nossa justiça penal... ou lá como melhor queiram chamar-lhe os senhores togados que eu muito respeito e estimo...

— Mas vamos lá a saber amigo e senhor Gregorio, que sentença foi essa?

— O juiz de Barrellas, certa noite, viu na sua povoação um homem matar outro e conheceu o assassino. Foi elle a unica testemunha do crime. Como, porém, já n'essa epocha uma testemunha só não fazia prova, elle calou-se e reservou-se para na sua qualidade de juiz proceder á *devassa* e condemnar o criminoso quando lhe fosse presente. A opinião publica, porém, auxiliada pela fatalidade das coincidencias, accusou um innocente e o erro judiciario tomou tal vulto que houve até testemunhas que depozeram, na audiencia, perante o proprio juiz de Barrellas, ser aquelle o culpado e terem visto perpetrar o crime. A vista d'isto, o que imagina você que fez o juiz de Barrellas? Lavrou a sua sentença pela fórma seguinte:

«Vi e não vi. Sei e não sei. Pelo que ouvi, enforce-se o accusado; mas dêem-se-lhe cem annos de espera.»

Subiu esta sentença á relação do Porto, e allí os desembargadores, intrigados com tão extravagante decisão, resolveram mandar intimar o juiz de Barrellas para em dia e hora determinada vir explicar perante o sabio tribunal a sua estrambotica sentença. Um meirinho chega a Barrellas, e vendo um homem sentado na cabeçalha d'um carro, a dobar uma meada, perguntou-lhe: «O patrão, onde mora aqui o juiz de Barrellas?» O homem muito grave respondeu:

— Vá por essa rua abaixo; volte por ella acima, e onde vir um homem sentado n'um carro, a dobar uma meada e com umas meias amarellas—esse é que é o *senhor* juiz de Barrellas.

— Então é vossa senhoria?

— Assim consta por mar e por terra.

Recebida a intimação, veio o juiz ao Porto; e o tribunal composto de altos magistrados, sabios e circumspectos, formando do juiz em questão desprezível conceito, não lhe indicou cadeira em que se sentasse, dispondo-se a interrogal-o de pé.

O juiz de Barrellas, porém, antes de responder, tirou dos hombros o capote de panno azul, dobrou-o, pôl-o no chão e sentou-se.

Depois explicou: «Vi e não vi—por que vi matar o homem, mas como juiz não podia ver. Sei e não sei,—porque conheci o criminoso, sei quem é, mas o que eu sei como homem, nada tem com o que eu devo saber como juiz. Pelo que ouvi,—enforce-se o accusado, mas dêem-se-lhe cem annos de espera. A lei manda-me condemnal-o, em face das provas; mas a consciencia manda-me dar-lhe cem anno de espera, porque, em cem annos a justiça de Deus alcançará o criminoso e libertará da forca o innocente.» Dito isto, saiu e deixou ficar o capote. Quando um meirinho, por mandado dos juizes apanhou aquella peça de vestuario e veio á rua para a entregar ao juiz de Barrellas, este, muito nobre e altivo, repelliu com um gesto o capote, dizendo: Diga a esses senhores que o juiz de Barrellas não costuma levar consigo a cadeira em que se sentou.» E seguiu o seu caminho para Barrellas.

ANNUNCIOS

ALFAYATE

João Fábão de Campos, participa aos seus freguezes e amigos que estabeleceu o seu *atelier d'alfayate* na rua do Outeiro, d'esta villa.

EDITOS

2.º annuncio

Pelo tribunal commercial de Loulé e no processo de fallencia aberta a José Martins Vasques, commerciante d'esta villa, correm editos de 30 dias, a contar da publicação d'este annuncio na folha official, chamando os credores certos Anjos & C.ª, Rigoni Correia Oliveira & C.ª, José Quaresma Valle do Rio, Francisco Maria do Nascimento, Luiz Eugenio Leitão, Jorge & Ruas, de Lisboa; Gavino Rodrigues Peres, de Villa Real de Santo Antonio; Dias & Costa, A. R. de Macedo, Gaspar & Gaspar, tambem de Lisboa, os quaes não aceitaram a concordata proposta pelo dito fallido, bem como são chamados os credores incertos para, no mencionado praso, opporem o que considerarem ser de direito, nos termos do art. 732.º do cod. com.

Loulé, 16 d'abril de 1896.

O escrivão,

Thomas Joaquim Rua.

Verifiquei—BARROSO.

EDITAL

COPIA

2.º annuncio

Doutor Antonio Moreira Barroso, Juiz de Direito na comarca de Loulé, etc.

FAÇO saber que no dia tres do proximo mez de maio, pelas onze horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta villa, sito no extincto convento das freiras, na rua do Espirito Santo, da mesma, se hão de arrematar a quem maior lance offerecer os immobilarios do fallecido Estanislau dos Ramos, d'Albufeira, por deliberação dos respectivos credores do dito inventariado Estanislau dos Ramos, morador que foi em Albufeira, e são:

Uma morada de casas terreas na rua da Senhora da Ourada, da villa d'Albufeira, comarca de Loulé, avaliada em 220\$000 réis.

Um quarto de terra de sementeira com figueiras e amendoeiras, no sitio do Valle de Santa Maria, freguezia d'Albufeira, comarca de Loulé, avaliada em 200\$000 réis.

Um quarto de terra de sementeira, com figueiras e vinha, no sitio da Sesmária, freguezia d'Albufeira, comarca de Loulé, foreira em 500 réis annuaes a D. Amelia Barata, da villa d'Albufeira, avaliada em 80\$000 réis. A arrematação e contribuição pelos arrematantes.

São por este citados quaesque credores incertos para a arrematação.

E para que chegue ao conhecimento de todos se passou este em triplicado, que serão afixados nos logares que a lei determina.

Loulé, 8 d'abril de 1896.—Eu, Sebastião Drago d'Azevedo Lobo, escrivão que o subcrevi e assigno.

Sebastião Drago d'Azevedo Lobo.

Visto—BARROSO.

Tem collados, e devidamente inutilizados, dois sellos de contribuição industrial, na importancia de trinta e sete réis correspondente ao escrivão e sete réis ao juiz e um sello antigo da taxa de 100 réis, isto é, em cada um dos editaes e está escripto cada um em meia folha de papel de 80 réis.



MESTRE DE MUSICA

Mestre de musica

Joaquim Antonio Pires, regente da philarmonica *Artistas de Minerva*, lecciona piano, flauta, qualquer outro instrumento e canto.

Tambem afina pianos e encarega-se de copiar musicas, tudo isto por preços modicos.

Quem pretender dirija-se á rua do Espirito Santo.

LOULE

Mestre de musica

CASA DE HOSPEDES

POR CIMA DA «ARCADA DA PRAÇA»

LOULE

Permanece aberto e optimamente servido este antigo e acreditadissimo estabelecimento, onde todos os seus freguezes continuarão a encontrar, a par do extremo aceio dos quartos, um magnifico servico de mesa e a maxima modicidade de preços.

AOS FUMADORES

Papel del CABALLO DE ORO

O papel **Del Caballo de Oro**, além de ser muito fino e de grande solidez, é superior a todos os conhecidos até hoje. Na sua fabricação não entra o chloro nem quaesquer outros acidos nocivos á saude, tendo por isso tanta suavidade que o torna sumamente recommendavel.

O papel **Del Caballo de Oro**, reúne pois todas as boas qualidades que os fumadores possam desejar; é fino, e a combustão lenta e suave ao paladar.

Usai pois o papel — DEL CABALLO DE ORO.

UNICO DEPOSITO EM PORTUGAL

Manoel Rodrigues Cerrêa

LOULÉ

Torno universal

PARA

RELOJOEIRO

Vende-se um com pouco uso e por preço muito razoavel, conjuntamente com um magnifico estojo contendo mais de 100 peças, tudo sem o mais leve defeito.

Tambem se vendem diferentes ferramentas em bom estado, pertencentes a relojoeiro.

Quem pretender dirija-se a **Antonio dos Santos Brito**—LOULE.

GRAXA AFIANÇADA

PARA CALÇADO

Manoel da Cruz Costa, com fabrica e deposito de graxa no sitio do Corotello, freguezia de S. Braz d'Alportel, participa aos seus freguezes e ao publico em geral que vende em grandes porções para a provincia com o abatimento de 10 por cento e porte gratis.

MADEIRA

Manoel Rodrigues Cerrêa

Previne os srs. proprietarios, constructores e mestres d'obras, que recebeu, directamente da Suecia, um carregamento completo de madeira de casquinha de 1.ª qualidade, que vende por preços excepcionaes.

Grande abatimento para compras por grosso.

Aproveitem a occasião.

HALL'S LINE



Linha de vapores inglezes dos srs. John Hall Jun & C.ª, de Londres.

Carreira semanal para Londres, tocando no porto de Faro todas as sextas-feiras, pela quantidade minima de duas barcas de carga.

Dirigir-se ao agente em Faro.

João P. d'Almeida.

COMPANHIA DE SEGUROS

TAGUS

FUNDADA EM 1877

SOCIEDADE ANONIMA
de responsabilidade limitada

CAPITAL 1.200.000\$000 REIS

Sede em Lisboa, rua da Alfandega, 160-1.º

Effectua
SEGUROS TERRESTRES

contra fogo casual ou procedido de raio e explosão de gaz, sobre moveis, propriedades e estabelecimentos, em todo o reino, e

SEGUROS MARITIMOS

contra avaria grossa e particular.

O agente em Loulé,
Manoel Rodrigues Corrêa.

ATELIER DE PINTURA

DE

F. CRUZ

(Pintor de Lisboa)

46, RUA DA MOTTA, 46—FARO

Executa-se todo o genero de trabalhos de pintura tanto em fino como em ordinario, taes como: templos, propriedades, ornamentação de salas, fingimentos de madeira ou pedra bronzados em todos os gostos, pintura em carruagens, monogrammas, paizagens, etc.

Especialidade em pinturas de letras, douradas em todos os generos e encarnação de imagens (pelo systema francez). Fazem-se transparentes em vidro, papel e panno.

Preços sem competencia.

1911.

Não mandem fazer trabalhos de pintura sem primeiro consultar os preços d'este atelier.

Assigna-se na antiga livraria Bertrand,
hoje José Bastos.
RUA GARRET, 73
LISBOA

Quem quizer estar ao facto do movimento literario, tanto no paiz, como no estrangeiro, assigne a LECTURA.

Anno.....	2\$400 réis
Semestre.....	1\$200 »
Trimestre.....	700 »
<i>Provincias, Açores e Madeira</i>	
Anno.....	2\$600 réis
Semestre.....	1\$400 »
Trimestre.....	750 »

CONDICÕES DE ASSIGNATURA

Lisboa

Magnifica publicação quinzenal apparecendo nos dias 10 e 25 de cada mez, e editada pelo livrario-editor José Bastos.
Publica obras scientificas, litterarias e artisticas. Litteratura de todos os paizes.

GRANDE DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA BEM CONHECIDA CASA

MEMORIA

DE

SANTOS BEIRÃO & C.ª
LISBOA



UNICOS vendedores da machina **Memoria**, que é, sem exagero, a melhor machina, mais perfeita e mais elegante de todas até hoje conhecidas.

Machinas para sapateiro, alfaiate e fazer meias, de varios systemas. Vendas a prompto pagamento e a prestações. Ensino e concerto gratis.

Encarrega-se de satisfazer qualquer pedido de velocipedes e bicycletas, para o que apresenta os respectivos cathalogs.

Estabelecimento e armazem de fazendas de lã, linho, algodão e seda
LEITOS DE FERRO E LAVATORIOS

AGENCIA DA

COMPANHIA DOS TABACOS DE PORTUGAL

NOS CONCELHOS DE

LOULÉ E ALBUFEIRA

Vendas nas mesmas condições que a referida companhia. Depositos em Albufeira, Alte, Ameixial, Boliqueime, Paderne e Salir.

ARMAZEM DE VINHOS

Vinagre, azeite, aguardente, farinhas, cereaes, esparto, palma, petroleo, sabão, phosphoro e obra d'empreita.

MERCEARIAS E DROGAS

Ferragens, tintas, candieiros, relogios, louças, vidros, perfumarias, quinquilherias, bijouterias, assucar em quadrados para chá ou café e outros artigos de novidade
(Especialidade em chá, café e chocolate)

GRANDE E COMPLETO SORTIDO

EM

OCULOS E LUNETAS

de todos os graus

ESTANCIA DE MADEIRAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS, Por preços modicos

MANUEL RODRIGUES CORREA

LOULÉ

EMPRESA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR PARA O ALGARVE E GUADIANA



GOMES VI

ESTE novo e excellente vapor, da carreira official entre Lisboa, Sines e portos do Algarve, sae de Lisboa impreterivelmente (salvo caso de força maior) nos dias 1 e 16 de cada mez, recebendo carga em Faro nos dias 3 e 20, para sair em 6 e 21.

GOMES 4.º

CARREIRA SUPPLEMENTAR

ESTE já conhecido vapor tem estabelecidas carreiras entre os portos do Algarve, Lisboa e Porto, fazendo duas viagens quinzenaes.

Os srs. carregadores serão avisados com antecedencia dos dias em que recebe carga. São excellentes as accommodações de 1.ª e 2.ª camaras d'estes magnificos vapores, e o convez offerce aos passageiros de 3.ª classe commodidade relativa, abrigando-os dos rigores do tempo.

PREÇOS DAS PASSAGENS PARA LISBOA:—1.ª classe, 4\$000 réis; 2.ª classe, 3\$000 réis; 3.ª classe, 2\$000 réis.

Agente em Faro—*João Pereira d'Almeida.*

TYPOGRAPHIA DO LOULETANG

ESTA typographia, montada com bom material, tendo adquirido boas e modernas machinas e já conhecida do publico pela boa execução de trabalhos n'ella feitos, está habilitada a satisfazer todas as encomendas, taes como: Procurações, ordens e mandados de pagamento, attestados, autuações, recibos, quitações de fóros, participações de casamento, envelopes e papel timbrados, todos os impressos para repartições publicas, prospectos, etc.

Cartões de visita em branco

100—400 réis, 50—240, 25—160

CARTÃO DE LUTO

N.º 1—100—500 réis, 50—300, 25—200
N.º 2—100—600 réis, 50—350, 25—250
N.º 3—100—700 réis, 50—400, 25—300
N.º 4—100—800 réis, 50—450, 25—350

Garante-se o bom cartão, perfeição, nitidez e promptidão.
Basta só experimentar para se ficar sendo freguez d'esta typographia.

PHOTOGRAPHIA DO POVO

DE

F. CRUZ

(PHOTOGRAPHO DE LISBOA)

46, RUA DA MOTTA, 46—Faro

Nesta casa unica em todo o paiz que faz trabalhos mais baratos, executa-se todo o genero de trabalhos photographicos desde o diminuto preço de 500 réis cada duzia de retratos nitidos, até 4\$000 réis cada retrato em tamanho natural, empregando em todos os trabalhos productos de primeira qualidade, vindos directamente da casa PAULENC FAERES, de Paris, e tendo machinas especiaes para instantaneos grupos de grande formato e para reproduções ainda as mais difficéis.

Tambem se vae a casa dos freguezes por trabalhos superiores á quantia de 2\$000 réis não sendo fóra da cidade.

Tiram-se retratos a pessoas fallecidas, com grande perfeição, e por preços convencionaes. Fazem-se grupos de corporações, collegios, bandas regimentaes ou philarmonicas, em grande formato.

Clichés gratis. Ha grande collecção de photographias religiosas para vender.

Trabalha-se com todo o tempo. Abre das 8 horas da manhã ás 4 da tarde.

ESTABELECIMENTO DE MOBILIA

DE

BELLA & BARBOSA

PRAÇA—Loulé

Cadeiras de diferentes modelos, sophás e canapés correspondentes, mesas de cabeceira com uma e duas pedras, ditas para sala, escriptorio, jogo e centro, *etagères* com pedra para sala, commodas e meias commodas, lavatorios de mogno com pedra espelho de crystal e gavetas; ditos de ferro, completos, com valvula; leitos de mogno á ingleza para uma e duas pessoas; ditos de ferro; berços em diversos teitos, espelhos para sala e quarto em diferentes tamanhos, serviços de lavatorio em loiça e zinco; papeis pintados, toalheiras, cabides, candieiros de suspensão e moza, relogios, espingardas, accessorios para as mesmas, oleados, *baguet* para moldura, oculos e lunetas de todos os graus.

Sortimento completo em ferragens, drogas, tintas, vidros e loiças.

Encarregam-se de quaesquer concertos dos artigos citados, e bem assim, de qualquer encomenda que diga respeito aos mesmos.

PROTESTO Á IMPRENSA E RESPOSTA AOS CALUMNIADORES



VERDADE, SÓ VERDADE

Na tarde do dia 29 do mez passado foi distribuído profusamente, por *quasi todas* as ruas d'esta villa, um supplemento ao n.º 357 do jornal—*O Algarvio*—encimado pelo seguinte titulo:

Tumultos provocados por um bando d'assalariados

HOMEM EM PERIGO DE VIDA
CONNIVENCIA DA AUCTORIDADE?

Nos dias seguintes appareceram, em diversos jornaes da capital e até em alguns da provincia, telegrammas e correspondencias d'esta localidade, que davam noticia e promenores d'um crime de homicidio praticado na noite de 28 de junho, na praça d'esta villa, e cujo auctor diziam ser um José da Horta Semeão, *homem de pessimos costumes e desordeiro de profissão*, que foi seis annos militar e cuja baixa é um documento modelo, que nem accusa sequer uma guarda de castigo!

O supplemento ao *Algarvio* começando por fazer largas considerações politicas sobre a nomeação do actual administrador do concelho, classificando-a de *impolitica e impropria*, e expondo a seu talante os inconvenientes e perigos de tal escolha, faz uma descripção cavilosa do caso, nomeando a seu modo os auctores do crime, chegando a avauçar: *que ha quem diga que foi o proprio administrador que disparou o tiro* e fazendo notar ao sr. governador civil: *que ponha os olhos na sua obra; que veja o que lucrou com tal escolha, etc., etc.*, e mais baboseiras e neceidades que só a *tão digna e honesta* redacção d'aquelle papel é capaz de dizer e escrever.

Dir-nos-hão que accordámos tarde e só agora é que vimos responder ao que ali se dizia, *talvez depois de ter pensado e machinado a resposta architectada propositadamente para defender aquelle reu*, que como tal só por elles é aclamada. Mas enganam-se: não accordámos tarde. Se a principio nos callamos foi para esperar novas perfidias e porque nos enojavamos de responder a auctores e pseudo-escriptores tão baixos, que até têm a desfaçatez de declarar, alto e bom som, e para quem quer ouvir, que escrevem conforme lhes pagam e a favor de quem lhes dá mais; e se hoje o fazemos é porque não podemos callar mais a indignação que de nós se possuiu contra tanta mentira, que nos obriga a expôr clara e imparcialmente como os factos se passaram, sem fazermos accusações, mas sim dizendo as verdades, doa a quem doer.

É nobre e digno defender a todo o transe até o propriamente classificado criminoso; mas accusar abertamente um innocente, ou pelo menos considerado tal, para livrar da culpa e responsabilidade um criminoso reincidente, é **indigno, baixo, nojento**, e até **anti-religioso**, tanto como o é os filhos *baterem nos paes*.

São defeitos que já vêm do berço!

Deixemos as mais considerações para o fim e vamos tratar de expor os factos como se passaram e com toda a verdade e imparcialidade, que são proprias e absolutamente necessarias n'estes casos.

* * *

Constou por aqui que tivera chegado a esta villa o sr. João Pacheco, escriptão d'um dos districtos criminaes de Lisboa, e que este sr. trouxera consigo um grande caixote com grossos cacetes para serem distribuidos pelos seus principaes *caceteiros* que divididos em grupos pelas ruas, provocassem desordens e

dessem para baixo nos seus adversarios.

O sr. administrador do concelho, informado d'estes boatos e convencido de que poderia ser verdade, para pelo menos evitar disturbios, mandou intimar oito reservistas para auxiliarem a força policial aqui destacada e patrulharem as ruas da villa afim de manter a ordem, caso fosse alterada.

Pelas 11 horas da noite, um grande grupo individuos armados de paus e levando á frente os muito conhecidos Alexandre Borrella e Anastacio Passarinho, tendo já percorrido algumas ruas, encontraram na praça um pobre rapaz, filho de José Augusto Ferreira, em quem o Passarinho descarregou uma enorme paulada, sem que elle alguma cousa tivesse dito ou feito.

Mais tarde, seriam duas horas da madrugada, estava o sr. Joaquim Lourenço Fernandes, regedor da freguezia de S. Clemente, com alguns seus amigos, (e não *brigões* como diz o referido supplemento) atirando *carretilhas* na parte baixa da Praça, como o pode fazer toda a gente e sem que isso deslustre ou complique com a sua posição de regedor, pois que, se bem nos lembra, o sr. dr. Joaquim da Ponte, andava tambem, no anno passado ou ha dois annos, atirando fogo em companhia d'alguns seus amigos, pessoas classificadas cá da terra, sendo então administrador do concelho, e sem que por isso fosse censurado.

Continuemos, porém, na nossa narrativa e não comecemos com divagações, que cabem melhor n'outro logar.

Iamos dizendo que estava o sr. Joaquim Lourenço Fernandes atirando fogo quando se acercou d'elle o tambem conhecido Manoel Ferrador, provocando-o com esgares afadistados e insolencias, sendo advertido por varias vezes para que se portasse serio e não provocasse, advertencia que não quiz seguir, tendo o sr. Fernandes de dar-lhe ordem de prisão, acompanhando-o até ao alto da Praça, onde estava numerosa multidão que de ha muito soltava vivas e morras, especificando os nomes das pessoas a quem eram dirigidos.

O sr. Fernandes dirigiu-se a este grupo para manter a ordem —aproveitando o Ferrador esta occasião para se escapar— e ahi encontrou então o José da Horta Semeão que, como reservista, tinha sido intinado para auxiliar a policia, que pedia ao grupo em termos brandos e delicados que acabasse com os morras e vivas e deixasse de andar com os cacetes levantados, pois de contrario ver-se-ia obrigado a prender algum. Foi então que um tal Carrusea (mais conhecido pelo *Vévas*) *pau para toda a obra*, refilou de maneira tal que foi preso pelo mesmo reservista, sendo esta prisão criticada e censurada por outro heroe de nome Sebastião da Costa, já muito conhecido pela justiça local, a quem foi apprehendido um punhal ou faca de cozinha, na occasião em que foi capturado pela policia.

N'isto, indo o Semeão com o preso Carrusea e alguns policiaes com o Sebastião da Costa, ouve-se um tiro!! Granda balburdia, muita atrapalhão e, instantes depois, ouve-se o José Augusto gritar que está ferido, sem declarar o nome do aggressor, porque nem podia distinguir no enorme ajuntamento quem tinha disparado o tiro, nem mesmo o podia conhecer porque era extremamente myope, e muito principalmente por ter sido disparado fóra do grupo, pois de contraio ser-lhe-ia possivel distinguir alguma dos que estavam mais perto e accusar, ou pelo menos indicar um d'estes.

Não indicou ninguem, não accusou ninguem, mas morreu tres dias depois e em consequencia de tiro, incontestavelmente.

Ha quem diga ter sido o Semeão e é contra este que *tudo* se tem revoltado; mas tambem ha, e muitos, que dizem ter sido Manoel Valente e, relativamente a este, uns affirmam tel-o visto disparar o tiro á distancia de tres metros, distancia esta que os illustres medicos dizem ser aquella a que o tiro devia ter sido disparado.

Uma pessoa que estava perto disse ao sr. Eduardo de Freitas Azevedo, que acompanhava o Valente na occasião do tiro: *não é assim, sr. Eduardo, que se dispara uma arma, respondendo-lhe este sr.: cala-te, porque não é nada contigo*.

Uma outra diz ter visto o Valente juntamente com Eduardo Azevedo e João Gomes Pablos, mudar uma grossa bengala que tinha na mão direita para a esquerda, tirar o revolver da algibeira das calças e disparar.

Mas deixemos ainda o que dizem e apreiciemos unicamente os factos.

Como se explica que, tendo tambem sido preso, o Valente depois do Semeão, como não podia deixar de o ser, em vista das suspeitas e muitos depoimentos que o accusavam, nunca, nos telegrammas e correspondencias, se fallasse no seu nome e se referissem unicamente ao Semeão?

Para que são tantas promessas á viuva afim de dizer que o marido se **queixava só do Semeão e dizia ter sido o tiro disparado por elle?**

Para que promettem **mezadas** á viuva para que affirme isto?

Se não se referem ao Valente nos seus telegrammas e correspondencias e dizem estar innocente, para que são estas promessas?

Que repugnancia em publicar o seu nome, se estão convencidos da sua innocencia, não obstante estar preso?

Porque é que a viuva não afirma que o **marido dissesse que foi o Semeão que o matou?**

Que cuidado é este em esconder o nome do Valente, se elle está, como dizem, innocente?

Nada mais nobre e digno do que publicamente fazer mostrar a innocencia d'um individuo falsamente accusado e procurar todos os meios para fazer desvanecer as impressões más e compromettedoras que contra elle haja n'uma povoação inteira.

Porque é tudo isto? Porquê? Ahi vae:

É porque o Semeão é um rapaz digno, serio, honrado e trabalhador, tem a sua baixa militar com a nota de—COMPORTAMENTO EXEMPLARISSIMO; não ha ninguem que diga que elle tenha usado armas algumas, revolver, navalha, bengalão, cacete, etc., como muita gente para ahi usa e abusa; andava no exercicio das suas funcções como cabo de policia e fez a sua obrigação; não fez promessas á viuva para que ella dissesse **não ter elle disparado o tiro**; não é caceteiro, nem bebedor, nem tem nenhuma das qualidades necessarias para cair nas boas graças d'aquelle grupo *feroz e temeroso* etc., etc., etc.

Não tem nada d'isto e por isso para uada lhes serve.

O Valente, pelo contrario, é tido e havido por homem de façanhas, é perigoso, é mau, tem-se medo d'elle porque dispara tiros com a mesma facilidade com que bebe um copo de... agua.

Ainda não ha um anno que foi julgado em audiencia geral pelo crime de homicidio voluntario frustrado, do que ficou absolvido, não obstante ter sido dado por inquo o primeiro jury que o absolveu, pelo meritissimo juiz que então presidia. Os motivos todos sabem e conhecem e por isso não precisamos fallar mais em tal.

É um reincidente? Pode ser. O Semeão não o é.

Narrados assim os factos, taes como se passaram, com a verdade e imparcialidade precisas e sem paixão para com este ou aquelle, por isso que não a pode haver quando se trata d'um facto criminoso, que enluta uma familia e uma localidade e periga a liberdade pessoal d'um dos implicados, não podemos deixar de protestar energica e intimamente contra toda a influencia partidaria que favoravel ou desfavoravelmente se exerça sobre um ou outro.

Pedimos justiça e queremos, como bons cidadãos, que ella se applique recta e rigorosamente.

Castigue-se o criminoso, mas não padeça o innocente. Procurem-se todas as provas, todos os indicios para esclarecer a verdade, e então proceda-se como for de justiça.

Prova-se que o Valente está innocente e que o Semeão é o verdadeiro criminoso: puna-se este e absolva-se aquelle, que ainda, *querendo*, pode ser util a si, aos seus e á sociedade; prova-se, pelo contrario, que é o Valente o criminoso: puna-se este severamente, pois que é reincidente, e por isso mais perigoso para a sociedade, e premeie-se o Semeão pela sua innocencia e EXEMPLARISSIMO COMPORTAMENTO.

Não accusamos nem defendemos ninguem. Pedimos só justiça recta e sã, para se castigar o delinquente e proclamar a innocencia d'aquelle que a provar clara e irrefutavelmente.

Lastima-se a morte d'um desgraçado, que infelizmente teve a sorte que, com certeza, estava reservada para outro, pois que não consta ser homem contra quem houvesse animosidades partidarias, por ser politico, arroceiro ou brigão. Era um desgraçado que levava a vida a lutar com a fome e a trabalhar quanto podia para sustentar a pobre mulher e tres infelizes creanças, que agora ficam á mercê da caridade publica.

Não era valente para as luctas, pois que além d'um rachitismo completo era extremamente myope, a ponto de não conhecer ninguem de noite.

Encontrava-se por acaso no local do crime e por fatalidade entre o criminoso e esse a quem o tiro era dirigido. Morreu e nem sequer pode d'algum modo indicar este ou aquelle nome, nem queixar-se d'este ou d'aquelle, porque, como não offendia ninguem, não acreditava que lhe quizessem mal.

Infeliz! Infelizes e desgraçados tambem tua mulher e filhos!

JUSTIÇA! JUSTIÇA! JUSTIÇA!

* * *

Como este protesto é dirigido ao paiz e em especial á imprensa que se tem occupado do caso, para esclarecimento de verdades que torpemente lhe têm sido occultadas, não podemos deixar de especialisar o nosso visinho *O Districto de Faro*, que pela proximidade a que está de nós e pelas largas relações podia estar melhor informado, além de que tambem podia continuar a ser coherente com as suas apreciações e não mudar tantas vezes de criterio e de cor como o *camaleão*.

Com o devido respeito e *salvo seja a comparação*, faz-nos lembrar aquelles pannos baratos e por isso de má qualidade, que desbotam e vão depois ao tintureiro para os pintar com nova cor. Foi talvez o seu ex.^{mo} redactor que na sua ultima jornada a Lisboa o mandou pintar de novo por já estar desboto, devido ao seu largo tempo d'existencia.

O que nos parece, porém, é que o tintureiro é ruim e as tintas conservam-se pouco.

Não merecerá cousa melhor?

Loulé, 11 de julho de 1896.

(Seguem se as assignaturas).



Biblioteca erasmiana
Libra